

PENSAMENTO ESTRATÉGICO E INSURGENCIAS NA CONTEMPORANEIDADE

FERNANDO BOTAFOGO DE OLIVEIRA¹; FÁBIO AMARO DA SILVEIRA DUVAL²

¹Universidade Federal de Pelotas – desertbriton@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fasduval@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Carl von Clausewitz em seu livro “*Da Guerra*”, demonstra com precisão as causas da guerra, suas relações com a realidade e a cognição humana bem como suas limitações para moldar esta conforme suas vontades. GRAY (2012) um dos mais influentes pensadores de estratégia contemporânea, afirma que (GRAY, 2012. p. 18).

“... Clausewitz explicou a essencial natureza da guerra, como ela persiste durante o tempo e as diversas circunstâncias, mesmo o seu caráter sendo sempre mutável”.

Assim, compreendemos um conflito bélico como um duelo de vontades opostas que está sujeito a várias frustrações, aquilo que CLAUSEWITZ (2010) descreveria como atrição. Porém, o sociólogo francês ARON (1970) afirma que as origens do pensamento estratégico são um produto de uma época num contexto em que este será desenvolvido. Por tanto, ele afirma que (ARON, 1969. p. 10).

“... O pensamento estratégico tem sua inspiração retirada de cada século, ou mesmo de qualquer momento da história, a partir dos problemas que ambos irão se apresentar por si mesmos.”

Aqui se torna claro que mesmo CLAUSEWITZ (2010) tendo desenvolvido um compêndio das causas originárias da guerra, e do desenvolvimento do pensamento estratégico, é possível delinear suas limitações. Logo, qualquer indivíduo que viva em uma determinada cultura, tempo e sociedade, ele também será limitado às requisições e problemas de sua época GRAY (2012).

Portanto, o desenvolvimento do pensamento estratégico é algo reativo, e não uma atividade antecipatória. Foi assim para GALULA (1964) quando escreveu seu livro sobre teoria de contra-insurgência chamado “*Guerra de Contra Insurgência: Teoria e Prática*”. Tratamos de um livro que pretende fornecer uma resposta aos métodos que são concebidos como corretos para o proceder de uma força contra-insurgente. O autor, afirma que os estudos de conflitos passados são essenciais para o aprendizado, mas apenas isto levará a repetição dos mesmos erros (GALULA, 1964. p. 18).

“... Estes princípios, substanciados por incontáveis casos, constituem o ABC da guerra. Porém, eles esqueceram outros princípios como concentração de esforços, economia de forças, liberdade de ação e segurança. A aplicação destes irá mudar conforme a tecnologia, armamento e outros fatores mudam[...] Porém, isto se aplica para a guerra regular.”

2. METODOLOGIA

Análise qualitativa, analítica, e descritiva limitando a pesquisa ao contexto histórico da contemporaneidade, através da comparação de teorias de Clausewitz e Galula, suplementadas por teóricos contemporâneos considerados influentes na área (Raymond Aron, Colin S. Gray, William Rosenau).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido à liquidez do desenrolar da guerra assimétrica e não convencional na contemporaneidade, é necessária uma expansão da compreensão da trindade paradoxal com a adição de um quarto fator. Este novo elemento é dotado de um lado racional, partindo da hipótese que uma insurgência pode ser uma vontade de se lutar contra um governo considerado do opressor ou ilegítimo. É necessário enfatizar que por envolver algo que até então não se configurava da mesma maneira que ocorre hoje, CLAUSEWITZ (2010) não observou a capacidade de a assimetria ser uma vantagem para o lado considerado “fraco”. Bem como a capacidade de uma série de estruturas morais moldadoras de comportamentos e tomadas de decisão, por exemplo, a Convenção de Genebra, serem capazes de favorecer a parte que está em “desvantagem”. Sendo assim, o fator insurgência não se encaixa exclusivamente na seara racional e passional.

Mais adiante, o fator passional hoje não mais envolve apenas isso, mas está mais próximo de um paralelo racional-passional do que apenas algo que possa configurar a guerra a partir de coisas que estão fora do controle da cognição humana. Se tomarmos, por exemplo, qualquer levante ou insurgência de motivação islâmica, especialmente se for da corrente do *wahabismo*, iremos compreender uma verdadeira conciliação entre o racional e o passional. Aqui também se encontra outra limitação da trindade clássica para a contemporaneidade, pois esta não foi capaz de prever as limitações morais que existem em um lado dito “forte” em relação ao “fraco”, nem que o lado em desvantagem poderia usar essas limitações e estruturas morais em seu favor. Como por exemplo, ao propositalmente armazenar e, segundo (ROSENAU, 2006. p. 12).

“Posicionar efetivos em zonas urbanas com a intenção de gerar comoção na mídia que irá expor civis numa condição única e limitada de vítimas de uma ação ofensiva”

Entretanto, ao tentar conciliar uma aproximação puramente realista, isto é, considerando apenas o Estado como parte única em um conflito, é costumeiro encontrarmos axiomas que ainda são mais contraditórios ao que é exigido em uma guerra não convencional e assimétrica. Como observado pelo teórico de contra insurgência, GALULA (1964) ao relevar que (GALULA, 1964. p. 18).

“... 80% de uma insurgência é derrotada no campo político, e apenas 20% em assuntos militares”.

Sendo assim, é possível extrair que apenas ações militares convencionais não serão capazes de suprimir uma resistência sem a conciliação entre política e estratégia. Isto é, toda ação militar, seja qual for, precisa ter obrigatoriamente uma motivação, resultado e principalmente um objetivo político. Tal afirmação é ainda mais realçada por GRAY (2012), quando afirma que (GRAY, 2012. p. 19)

“... A guerra não é um esporte aonde ganhar apenas basta, é necessário que as vitórias tenham significados e consequências, em outras palavras, uma terminologia.”

Por último, o fator insurgência é capaz de moldar de forma mais notável uma guerra ao liquefazer o que antes era sólido e bem definido relativo aos lados que se embatem e suas identidades. Atualmente não existe uma condição de “civil”, não se é civil, se está civil. Em outras palavras, é uma mera circunstância, pois o civil de hoje pode ao final do dia financiar ou ser conivente com qualquer forma de rebeldia contra uma força ocupante. Logo, as regras de engajamento e a forma como se abordam as maneiras de neutralizar essas insurgências ainda estão limitadas a uma visão maniqueísta da guerra, portanto, não estando adaptada a dificuldade política e estratégica que existem nesses casos.

4. CONCLUSÕES

Através da metodologia aplicada foi possível constatar a possibilidade de um quarto elemento além dos três que englobam a trindade paradoxal. Concluimos que pode haver um novo elemento que talvez transcenda os outros três propostos por CLAUSEWITZ (2010), sendo necessários mais estudos para que de fato seja confirmada a existência de um elemento transcendental ao conceito de CLAUSEWITZ (2010).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, R. The Evolution of Modern Strategic Thought. **The Adelphi Papers**. Londres, V.9. n. 54. pp 1-17, 1970.

CLAUSEWITZ, C. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: Martins Fonte Editora, 2010.

GALULA, D. **Counter-Insurgency Warfare: Theory and Practice**. Santa Barbara: Praeger Security International Publishers, 1964.

GRAY, C.S. **War, Peace and International Relations: An introduction to strategic history**. Nova York: Routledge, 2012.

ROSENAU, W. **Beyond Al-Qaeda: The Global Jihadist Movement Part 1**. Santa Monica: RAND Corporation, 2006.

